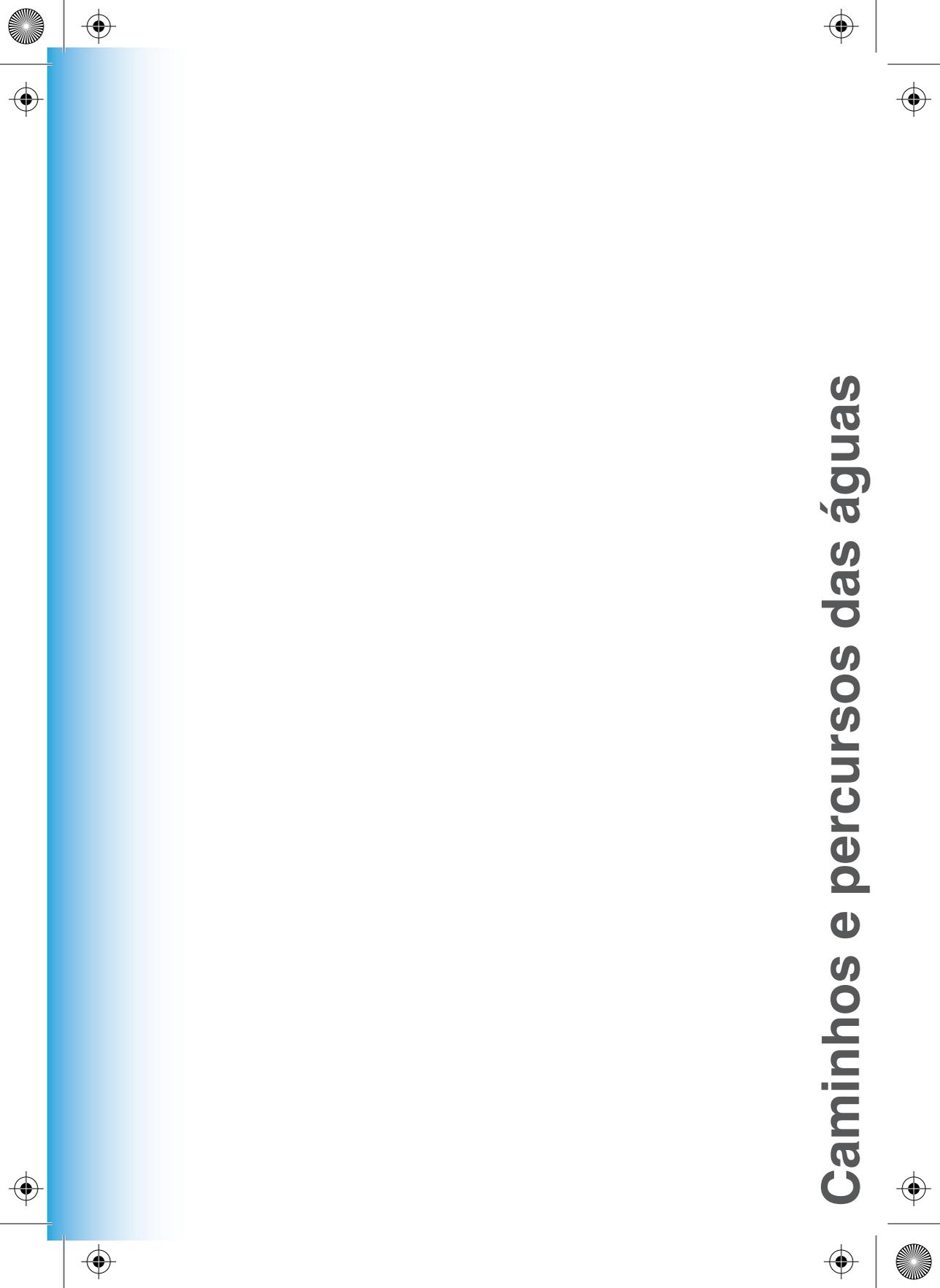


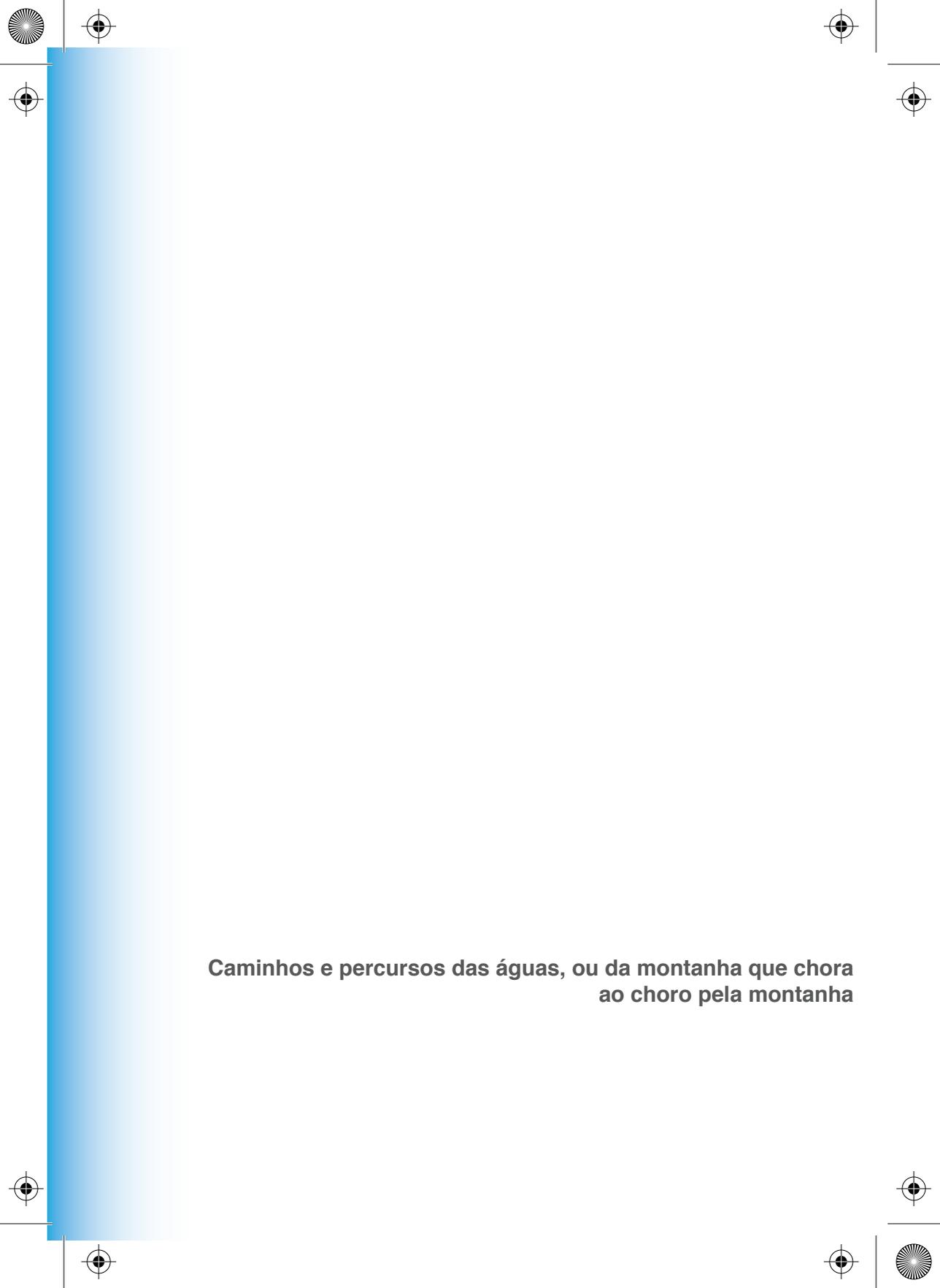
Caminhos e percursos das águas





trabalhos de Luiza Gottschalk
propositor Marcos Moraes





**Caminhos e percursos das águas, ou da montanha que chora
ao choro pela montanha**





Prólogo

Tudo se inicia – como se fosse possível uma narrativa aparentemente coerente – com um convite para uma visita ao ateliê, uma proposta para conhecer um espaço e uma casa que tem sua concepção, sua localização, e uma proposição com sentido especial, tanto para quem nela atualmente vive, como para quem a projetou, construiu e implantou em meio ao que podemos chamar de uma “memória da natureza”.

Além da localização urbana privilegiada, bem como sua configuração, na própria cidade, que foram dados relevantes das conversas que ocorreram nesse encontro, essa ainda foi marcada pelas narrativas de Luiza Gottschalk sobre as relações de seus processos de trabalho, sua vida e o convívio com esse espaço, que é a **Casa do por do Sol**. Nada tão definidor, ou mesmo, sem muitos contornos delimitadores mas isso foi, de uma certa forma, o ponto de partida, o início mesmo, dessa troca, na verdade de um diálogo, postergado por algum tempo e que, por final, justamente em meio ao isolamento no qual estamos agora mergulhados, em função da pandemia, acabou por se constituir, em uma possibilidade, talvez mesmo uma necessidade de contar, ou de relatar o desejo de realização de um projeto que, agora, não mais poderia ser realizado.

A conversa deveria ter acontecido – por diversas vezes – há meses e ela conduziria a um convite para trabalhar com a artista, na organização

de uma possível exposição, e que seria apresentada, de alguma forma, na própria **Casa do por do Sol**. O acaso, ou o imponderável, se manifestou fazendo com que “aquilo que foi pensado para ser o projeto de construção e habitação para a vida”, a **Casa**, tivesse que tomar outros rumos. Sair da **Casa do por do Sol** em poucos dias encerraria a possibilidade de elaborar e desenvolver um projeto dessa natureza.

A **Casa** foi literalmente plantada naquela porção de terra, e a natureza instada a participar, decisivamente, em que paredes, pisos e instalações foram se erguendo e implantando juntamente com as bananeiras e tantas outras árvores, arbustos, plantas, vegetação, tudo aquilo que agora não estaria mais disponível e em poucas semanas deveria ser desocupada.

Muitos outros acasos – e desejos – se reuniram levando, literalmente, Luiza e família a abrirem mão do espaço de vida e de trabalho, incluindo o do ateliê. Assim, o que seria inicialmente uma conversa para um convite de trabalho conjunto foi, na verdade, apresentado, agora, como uma impossibilidade, tornando-se, portanto, o relato de um possível projeto, uma utopia que havia sido abandonada, ou simplesmente não poderia mais ser realizada, naquelas condições. De qualquer forma isso não significava uma frustração, pois tratava-se de novos rumos e novos projetos de vida que se abriam, como horizonte do possível.

Caminhos e percursos das águas é uma proposição que parte da experiência direta da artista, com a Mantiqueira – denominação de origem tupi-guarani significando serras que choram – e suas águas, seus caminhos e vivências, suas memórias de convívio na, e com, a natureza, com sua dimensão de equilíbrio e harmonia. Configura-se dessa forma, como um caminho simbólico pelos processos de investigação, trabalho e vida, de Luiza Gottschalk e que se materializaram, nos últimos anos nesse espaço configurado arquitetonicamente que é a **Casa do por do Sol**.

A partir daqui cada cena e o espaço no qual ela se desenrola permitem uma aproximação à ideia do *percurso*, são como as estações nos autos medievais, ou os mirantes nas trilhas da floresta, portanto o convite para a caminhada em direção ao “ninho da água” de onde o mundo se descortina.

Ato I – Proposição

Cena I - Jardim

Em meio às dificuldades e limitações em que vivemos hoje, as possibilidades de criar perspectivas de afirmarmos nossas crenças parecem difíceis mas, por outro lado, mais do que necessárias, uma condição sine qua non para sobreviver ao desvario que 2020 nos esfregou na cara, sem dó, ou piedade!

Retomando a conversa inicial, e durante esse que foi o primeiro contato com o espaço – da casa/ateliê – o que se apresentou foi, na verdade, a impossibilidade fornecida pelos fatos reais: não haveria tempo, nem mesmo para organizar uma exposição, afinal às vésperas do Natal, em pleno dezembro de 2020, e com a casa tendo que ser entregue em meados de janeiro, aquele que seria o espaço pensado para isso, não estaria mais disponível e, o projeto, nessas condições, inviabilizado.

Mas, como nos sonhos, é preciso lembrar, e nos darmos conta, que não temos o controle absoluto, e de que fazemos escolhas, mas que estas podem ter, ou nos propor caminhos outros, não vislumbrados de antemão, não racionalmente planejados, mas que acabam por se constituir em saídas das “matas escuras”, em que, por vezes, nos encontramos.

Utilizando uma referência expandida de um conceito como é o da proposição – termo utilizado por Lygia Clark para referir-se à sua produção do início dos anos 1960 – busca-se com *Caminhos e percursos das águas* distanciar-se da ideia convencional de exposição, propondo a incorporação e a exploração de relações corpo-espaciais que pretendem transcender aquela da mera contemplação da “obra”, na busca por ultrapassar esses limites e oferecer ao visitante oportunidades de ações individuais, de distintas temporalidade pelos espaços.

Dessa forma, surgiu a perspectiva de apresentar um recorte recente da produção da artista, o deslocar-se pelos espaços da arquitetura, o relacionar-se com a natureza, o perceber-se a relação com esse fragmento da cidade e a paisagem urbana como uma proposição, em sua dimensão performativa e de improvisações, bem associada e apropriada aos processos da artista, que, de uma forma quase ritualística, encerraria o ciclo da casa útero, durante a primeira renovação lunar de 2021 e, performando, ninguém menos do que o Sol, em sua relação com o espaço e a produção de Luiza Gottschalk.

A partir da ação que busca um paralelo no processo de trabalho da artista, acontece a proposição ao visitante para que ele se deixe conduzir pelos sinais/ obras presentes no processo de apropriar-se dos espaços na **Casa do por do Sol**, e que tenha a oportunidade de expandir seu campo sensorial, nessa experiência que o conduzirá, literal, mas também metaforicamente ao por do Sol.

Agregue-se a isso, ainda, a condição e localização das obras no espaço arquitetônico, propondo percursos que conduzam, performativamente os corpos para que se permitam explorar as relações sensíveis a partir de sons, odores e imagens que se abrem e convidam para esse caminho das águas.

Ato II - O percurso e o processo

Cena II - Ateliê

Nesse sentido, o que há de performativo nos processos de trabalho da artista pôde ser transposto, ou melhor, proposto, para a experiência do visitante explorador dessa densa vegetação de sentidos: caminhar, ouvir, sentir, ver, tudo propõe ampliar, ou mesmo esgarçar limites nos trajetos e, como as águas podem tomar muitas formas, expandir muitos contornos.

No já “antigo” espaço de trabalho sobrevivem pegadas, rastros vestígios como que a testemunhar as descobertas, os processos experimentados, os caminhos escolhidos, e até mesmo as voltas a outras trilhas. Estudo e ensaios apontam para potenciais caminhares, mas também podem ser vistos como os mapas e guias que indicaram possibilidades, na floresta em que muitas vezes os processos criativos mergulham e que aqui, no caso da artista, trazem a memória corporal da experiência na mata, na terra, nas águas da Mantiqueira, seu habitat original, seu refúgio e seu paraíso perdido na terra, permanentemente buscado como terra prometida.

Para aproximarmos da recente produção de Luiza que incorpora, materialmente, os processos de trabalho com a água, ela o descreve a partir da escolha de tecidos como o linho, por sua trama aberta que possibilita, na sobreposição deste à tela previamente preparada, que a aguada de tinta que ela produz com água, pigmento e o fixador.

Ato I - Proposição

Ato II - O percurso e o processo

Cena I - Jardim

1 Tecido de processo, 2020
processo com as águas. pigmento, água e resina s/ voal
dimensões variáveis

2 Jornada: da mata ao Sol, 2020
áudio (narração conto)
voz: Lola Gottschalk
3'47"

Cena II - Ateliê

3 Ateliê em processo, 2018-2021
paredes e piso, processo com as águas, pigmento, e resina
dimensões variáveis

4 Tecidos de processo, 2020
processo com as águas. pigmento, água e resina s/ voal
dimensões variáveis

5 Estudos para Quatro estações, 2020
aquarela e carvão s/ papel

Ato III - As trilhas e o caminho

Cena I - Hall

6 Lóri, 2018
óleo s/ tela
200 x 200 cm

7 Ratinho, 2019
óleo s/ tela
45 x 62 cm

8 Pintura para pisar, 2018
cimento branco, pigmento e pedras
400 x 1300 cm

9 Flores, 2018
óleo e acrílica sobre tela
60 x 30 cm

10 Flor, 2018
óleo e acrílica sobre tela
40 x 20 cm

Cena II - Quarto I

11 Montanhas que choram, 2019
pigmento, água e resina s/ linho
600 x 1300 cm

12 Ensaio Aberto, 2019
registro da coreografia desenvolvida e realizada no espaço expositivo de Ensaio Aberto (curadoria de Ana Paula Cohen), entre 13 de novembro e 17 de dezembro de 2019
Praça das Artes, São Paulo
Coreógrafo: Emílio Rogê
Bailarinos: Luiza Gottschalk, Emílio Rogê, Bárbara Bernardes, Taciana Bastos, Moisés Matos, Daniel Costa, Beatriz Pieratti e Aruan Alvarenga
Registro em vídeo: Bruno França
10'

Cena III - Quarto II

17 Balanço; passado e futuro, 2020
óleo e acrílica sobre tela
200 x 147 cm

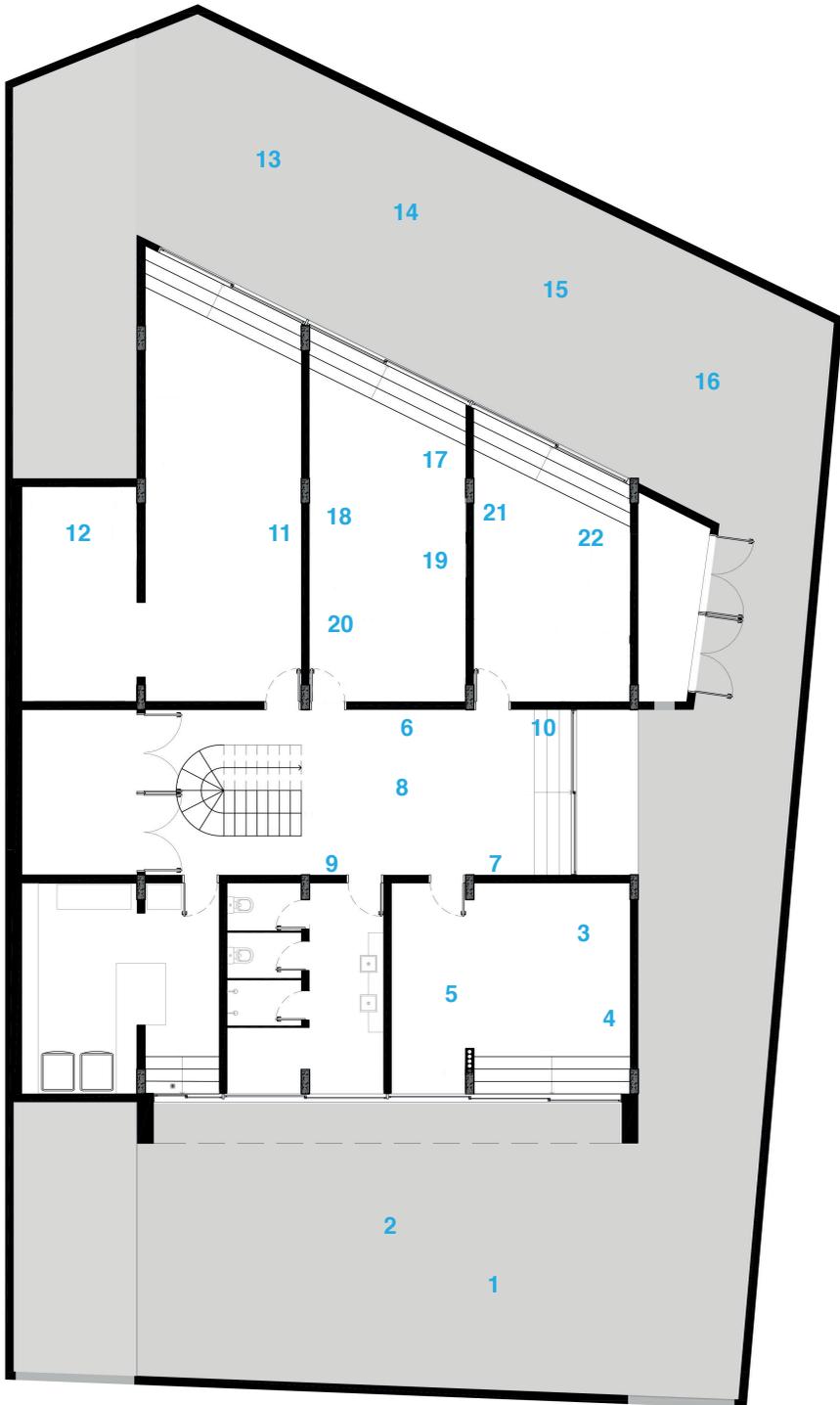
18 Trilha das pedras, 2020
óleo e acrílica sobre tela
283 x 203 cm

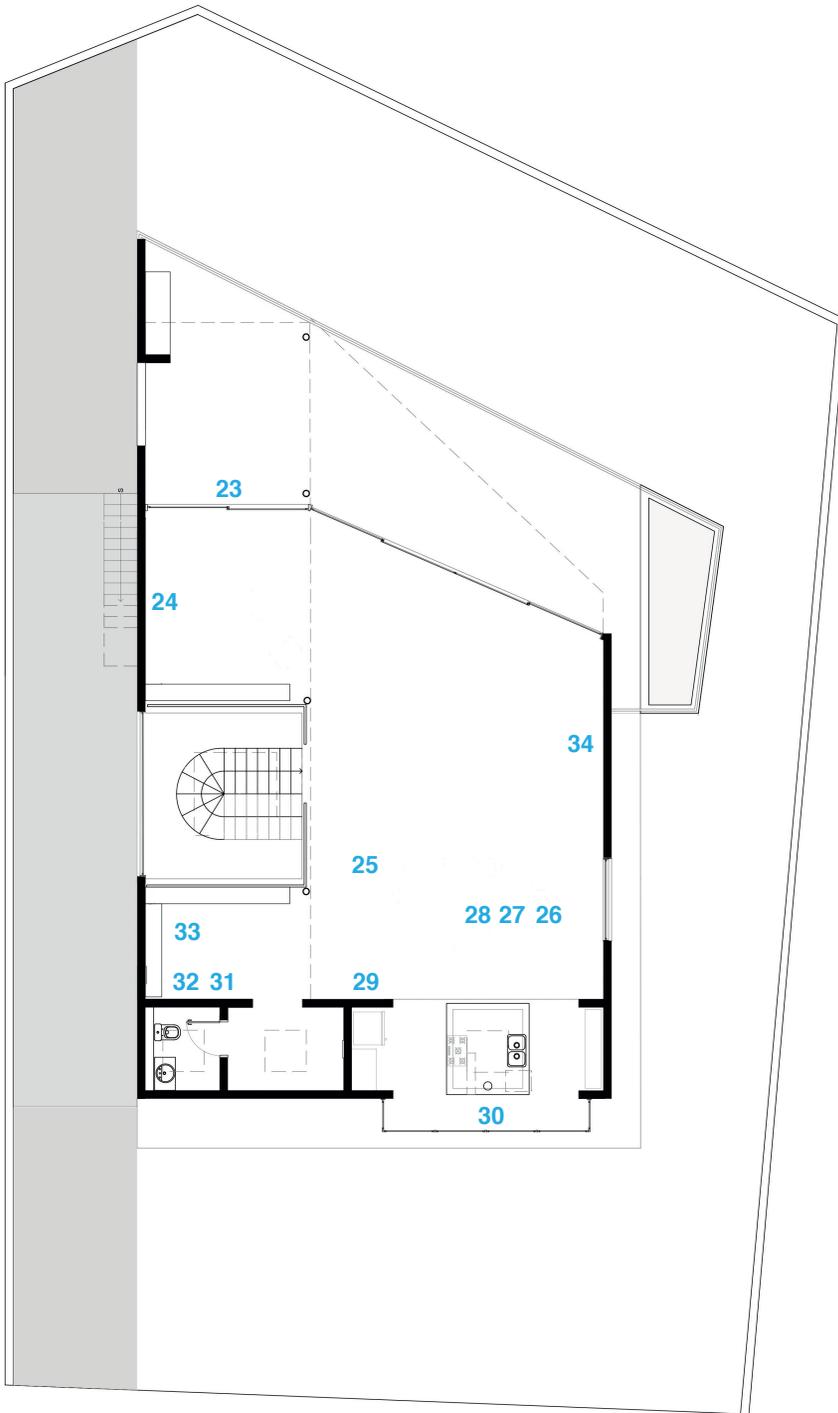
19 Lodo, 2019
óleo sobre tela
335 x 193 cm

20 Trilha da Santinha, 2020
óleo e acrílica sobre tela
166 x 238 cm

Cena IV - Quarto III

21 Eu sofri um acidente, 2020
registro da video performance I had an accident, 2020 desenvolvida (virtualmente) durante residência artística na ISCP - NYC
texto: Luiza Gottschalk
coreografia e direção cênica: Emílio Rogê
performers: Zelita Souza Cortes, Moisés Matos e Fernanda D'Umbra
figurinos: Heloísa Faria
video mapping: Drocome
26'







22 Bicho Águia, 2020
pigmento, água
e resina s/ voal
cordas (figurino)
colab Heloísa Faria

*Cena V - Jardim
das Bananeiras*

13 Pele de lodo, 2019
óleo sobre voil
180 x 320 cm

14 Na mata aberta, 2020
óleo e acrílica sobre tela
110 x 70 cm

15 Uma aprendizagem
ou O Jardim dos
prazeres, 2020
óleo e acrílica sobre tela
80 x 105 cm

16 Quintal de
Dona Luisa, 2020
óleo e acrílica sobre tela
110 x 150 cm

**Ato IV - A performatividade: o
espaço, a paisagem e o tempo**

Cena I – Varanda

23 Pele de águia, 2018
óleo e acrílica sobre tecido
320 x 140 cm

Cena II - Sala I

34. A dança dos ratos, 2017
óleo sobre tela
300 x 400 cm

Cena III - Sala II

24 Detrás da moita, 2020
óleo e acrílica sobre tela
200 x 140 cm

25 Ninho, 2020
óleo e acrílica sobre tela
218 x 200 cm



26 Série vistas aéreas: serra do
mar, 2020
óleo e acrílica sobre tela e pedra
catada de rio
65 x 36 x 25 cm

27 Série vistas aéreas: onde a
mata encontra o mar, 2020
óleo e acrílica sobre tela e pedra
camada de rio
65x 29x 40 cm

28 Série vistas aéreas: paisagem
seca e gelada, 2020
óleo e acrílica sobre tela e pedra
camada de rio
65 x 40 x 30 cm

29 As meninas e o vento, 2020
óleo e acrílica sobre tela
152 x 198 cm

31 O que vai viver espera, 2020
óleo e acrílica sobre tela
40 x 30 cm

32 Ilhada na mata, 2020
óleo e acrílica sobre tela
30 x 40 cm

33 Coral de mata, 2020
óleo sobre tela
70 x 30 cm

Cena IV – Cozinha

30 Fachada, 2018
acrílica s/ vidro
98 x 504 x 80 cm



Os caminhos percorridos pela “tinta aguada” atravessando e pigmentando a primeira superfície, mas também trespassando-a e depositando-se nas saliências e reentrâncias da segunda, combinam as escolhas da artista, os processos orgânicos de deslocamento da água, e aqueles de natureza aleatória desses percursos, que ela incorpora, fixa e nos quais interfere.

No processo de trabalho há uma presença determinante do acaso decorrente da autonomia e força da “tinta aguada” que percorre caminhos não projetados e se embrenha nos tecidos, até chegar ao suporte, que é a parede, marcando-a como trilha para a compreensão da experimentação que a levou ao procedimento técnico, a seguir adotado para a pintura. Essa dimensão do aleatório alimenta o processo que, por sua formação e experiência no teatro e na dança, Luiza transforma em matéria prima para essa condição de improvisação. Assim, ao mesmo tempo esse (des)controle promovido pelo processo adotado insere outro aspecto que interessa a ela, como é o caso do corpo, o movimento, a dança, o teatro, a performance.

Transparências e sobreposições, registros e memórias se mesclam, sobrepõem e transpõem as superfícies, adensam-se em áreas e desvelam possibilidades que os gestos, posteriormente tentam apreender nas superfícies rígidas das telas, ou diáfanos dos tecidos, todas deixando-se escapar como sílfides, ou deidades das águas que se embrenham nas florestas de nossa percepção.

Ato III - A performatividade: o corpo nas trilhas e caminhos

Cenas I a V - Hall, Quarto I, Quarto II, Quarto III e Jardim das Bananeiras

É a artista quem nos abre a perspectiva de como tem presente sua história com a mata, com a água, com as trilhas e como isso transpõe os tempos e se materializa, por suas mãos, nos trabalhos que podem ser vistos nessa proposição aqui apresentada: “Eu queria que as pessoas pudessem ver a mágica que acontece quando uma pintura nasce. É emocionante, bonito, vivo e mágico. Volto a me lembrar daquela linha-gem de bruxas, sabe? A brincadeira que eu mais gostava de criar quando eu era criança acontecia dentro da mata. Saía abrindo trilhas com as minhas mãozinhas em busca de líquens coloridos em rosa, laranja, roxo e tons de verde-amarelados. Fazia a raspagem nas árvores com uma lâmina quase cega para retirar somente as partes dos líquens que me encantavam. Junta-va tudo na minha galeria particular que ficava perto do riacho, dentro de uma mini caverna cavada numa pedra.”

Para Luiza, dessa forma, o corpo, o mágico clima fantasioso da mata e suas luzes, transparências, reflexos, burburinhos e odores, dentre a infindável lista de elementos que constituem a percepção dessa paisagem natural, permanecem presentes e vívidos, sinais, indícios e indicações dessa força natural. Em meio a essas forças, aflora a água, esse elemento gerador de vida que, também, se apresenta



metaforicamente, como elemento de retomada e afirmação dessa natureza feminina, desobediente e que busca seu próprio curso, abrindo caminho e vencendo a resistência das demais matérias, trilhando sua própria condição de existência, mas deixando marcas profundas e permanentes no solo que percorre e atravessa.

Na pintura da artista em que ela afirma não existir esse “plano prévio a ser executado”, mais do que qualquer outro é a água o elemento determinante dos fluxos, de consciência, de produção e de potencialidade de percepção, a afirmação da condição de lidar com o imprevisível e criar a partir dessa condição. Uma afirmação da condição de saber lidar com a natureza, que se traduz por uma “inteligência feminina, atributo das bruxas”, como ela afirma.

Trilhas podem ser entendidas como rotas a serem seguidas, exploradas e muito mais ainda, se as pensarmos como possibilidades de descobertas que a cada passo e a cada movimento nos colocam em contato com a potencialidade da descoberta. Ela nunca será a mesma, mesmo que a percorramos indefinidamente.

Nessa direção as trilhas-pinturas de Luiza, atravessada a camada inicial das “flores”, “montanhas” e “animais”, nos apresentam caminhos e paisagens que se descortinam e nos convidam, por vezes ameaçam, com seus emaranhados de formas, linhas, cores e transparências, nas quais os corpos – dela

e os nossos – parecem se emaranhar, aos daqueles seres que ela parece nos insinuar e provocar a ver. Um “convite à viagem” em que podemos performar, dançar e nos movimentar nos espaços, com as imagens, com a natureza presente, insinuada e provocada.

Não podemos pensar em encenação, apesar de todo o referencial e vocabulário, para além da memória evocada, ser do universo cênico, mas sim desta proposição para que nossos corpos ajam, atuem e fluam em meio à essa experiência. Não se reprima, poderia ser o convite, para explorar esses pequenos e aquosos momentos de vivência na Casa do por do Sol, mesmo em tempos de distanciamento social e restrições de trocas corporais.

Ato IV - Os espaços e a paisagem, a memória do tempo

Cenas I a IV - Varanda, Sala I, Sala II e Cozinha

“Acho que foi aquele pássaro. Era um pouco diferente das águias que moram lá. Ela tinha as penas rosas brilhantes, e ela olhou nos meus olhos e me chamou para voar com ela. Eu disse que eu não sabia voar, mas fui correndo tentando alcançá-la. Eu até tentei bater os braços e subir nas árvores. Lá em cima a música que o vento toca é diferente, mais forte. Eu subi numa Embaúba prateada e vi mais umas águias coloridas. Pensei em saltar dali mesmo, voar com elas, mas me deu muito medo.” e, assim, sonha Luiza!

O percurso pelas trilhas – da casa e da produção da artista – nos conduzem até esse momento em que dos trabalhos mais antigos, literalmente aos mais recentes é possível estabelecer não um confronto, mas perspectivas para, de um lado entender a presença de uma figuração que se insinua como e a partir de manchas, mas de outro, também como formas nas quais buscamos e encontramos apoio, como pedras dispostas a longo de um rio que pretendemos atravessar, ou no qual buscamos outros pontos para mergulhar, que não a previsível margem. Na margem podemos estar todos, mas para a travessia e para o mergulho é preciso o desejo de se lançar.

Da visão da montanha, ninhos, águias, ao luar insinuado, um conjunto de trabalhos nos aguarda nesta chegada ao fim desse caminho. Nos depararmos com a visão aérea na pintura, o sobrevoo da águia metafórico, o olhar sobre a paisagem que desvela a cidade sobre os telhados e nos apresenta o cenário da performance que irá encerrar essa viagem, aqui, para propor outros rumos, e abrir-se como noite, sensualmente provocando olhares curiosos e ávidos de outras revelações.

“No Limits. Acho muito complicado dar contorno as coisas, acabo transbordando, escoando ou encharcando o meu redor. Deve ser porque morei dentro de uma floresta quando eu era criança. Essa floresta ainda mora dentro de mim. Bem molhada!”

Epílogo

Varanda (de volta)

Não por acaso a proposição para a apresentação de um recorte na recente produção da artista se realize durante a primeira Lua nova do ano, um momento em que, simbolicamente, com sua força e potência conduz a possibilidade de novos inícios, de recomeços, e à oportunidade de iniciar novo ciclo de vida, atualizando sonhos e desejos.

Ainda nas palavras da artista “Quando eu morei na floresta, eu tinha certeza de que eu era herdeira de alguma linhagem não tão distante de Bruxas. daquelas que sabem compor quimicamente, que conversam com os bichos e criam ficções tão convincentes que as simbologias e metáforas podem parecer fatos concretos. Depois de 25 anos vivendo na cidade grande, ainda desconfio disso”.

A **Casa do por do Sol** está sendo deixada, como um casulo, como um útero que possibilitou gestações de vidas, de desejos, de pesquisas, de trabalhos e de novo rumos para novos voos, o ninho da águia cumpriu sua função e agora permite que outros horizontes sejam o limite da busca permanente que, como seres humanos, mas principalmente a artista procuram. O próximo passo para Luiza Gottschalk é a construção de um novo caminho das águas, afinal elas são fundamentalmente vida.

Marcos Moraes
Janeiro 2021



FICHA TÉCNICA

*Caminhos e percursos
das águas*

EXPOSIÇÃO DE
Luiza Gottschalk

PROPOSITOR
Marcos Moraes

PROJETO ARQUITETÔNICO
Tito Ficarelli

PROJETO LUMINOTÉCNICO
Aline Santini

PROJETO GRÁFICO
Emílio Rogê

TÉCNICO DE ILUMINAÇÃO
Pajeú de Oliveira

MONTAGEM
Ricardo Dom e
Birigui

MONTAGEM FIGURINO
Heloísa Faria

REGISTRO AUDIOVISUAL
Rubens Crispim





As regras de visitação foram adaptadas para que, com segurança, os visitantes possam aproveitar sua experiência na vista, com limitação de público, reforço de higienização de ambientes e superfícies, disponibilização de dispensers de álcool em gel 70%, uso obrigatório de máscara e orientações necessárias para a manutenção dos protocolos oficiais de prevenção da Covid19.





abertura

13/01/2021

16h às 20h

visitação

13/01 a 20/01/2021

16h às 20h

performance diária

pontualmente às 18h58

R. Desembargador Ferreira França, 501

Mais informações em:

@caminhoepercursodasaguas